



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III

LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

LAÍS LAURENTINO SILVA

O SILENCIAMENTO DA MULHER EM “D.T.”, DE TÉRCIA MONTENEGRO

GUARABIRA – PB

2019

LAÍS LAURENTINO SILVA

O SILENCIAMENTO DA MULHER EM “D.T.”, DE TÉRCIA MONTENEGRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosângela Neres
Araújo da Silva

GUARABIRA – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva, Lais Laurentino.
O silenciamento da mulher em "D.T.", de Tércia Montenegro [manuscrito] / Lais Laurentino Silva. - 2019.
27 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura brasileira. 2. Personagem feminina. 3. Silenciamento. I. Título
21. ed. CDD 801.959

LAÍS LAURENTINO SILVA

O SILENCIAMENTO DA MULHER EM "D.T.", DE TÉRCIA MONTENEGRO

Aprovada em: 04/06/2019

BANCA EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva

Prof^a Dr^a Rosângela Neres Araújo da Silva/UEPB

Orientadora

Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

Prof^a Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos/UEPB

Examinadora

João Paulo da Silva Fernandes

Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes/UFPB

Examinador

A Deus, que é nosso mestre e sem Ele nada seria. Ele foi o meu sustento nos momentos de insegurança e fraqueza, fazendo-me sempre olhar para o melhor do mundo.

A Deus, que é nosso mestre e sem Ele nada seria. Ele foi o meu sustento nos momentos de insegurança e fraqueza, fazendo-me sempre olhar para o melhor do mundo.

“Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado”.

(Clarice Lispector)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 A MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	10
2.1 Tércia Montenegro na literatura do Brasil contemporâneo	12
3 RESSONÂNCIAS DO PATRIARCADO: VOZES DAS MULHERES (QUASE) SILENCIADAS	13
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	22

O SILENCIAMENTO DA MULHER EM “D.T.”, DE TÉRCIA MONTENEGRO

SILVA, Laís Laurentino¹

RESUMO

O presente trabalho propõe explicar sobre o silenciamento da mulher no conto “D.T.”, de Tércia Montenegro, ecoando múltiplas vozes femininas, representada pela personagem de ficção da autora contemporânea. Para alcançar esse objetivo, metodologicamente, tomamos a leitura do conto, que faz parte da coletânea *25 Mulheres que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira* (2004), organizada por Luiz Ruffato, na qual enfatiza a produção literária contemporânea escrita por mulheres, versando pelos gêneros conto e crônica. A discussão se articula com os pressupostos teóricos de Joan Scott (1988), Michelle Perrot (2003), Maria Izilda de Matos (2003), entre outros. Realizadas as aproximações teórico-críticas, buscamos (re)pensar as formas de silenciamentos impostas pelo patriarcado à mulher ao longo do tempo, que ainda hoje refletem fragmentos das hegemonias socioculturais e/ou ficcionalizadas na literatura.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Personagem feminina. Silenciamento.

ABSTRACT

The present work explores the silence of women in the short story "D.T.", by Tércia Montenegro, representing female voices, represented by the fictional character of the contemporary author. The women who make the Brazilian literary production (2004), organized by Luiz Ruffato, in the production of a literary series written by women, dealing with the genre tale and chronic. The discussion articulates with the theoretical assumptions of Joan Scott (1988), Michelle Perrot (2003), Maria Izilda de Matos (2003), among others. Taken as theoretical-critical approaches, they seek (re) think as forms of silencing, imposed by patriarchy on women over time, which still reflect the fragments of sociocultural and / or fictionalized hegemonies in literature.

Keywords: Brazilian literature. Female character. Silencing.

1 INTRODUÇÃO

A História remonta que desde seus primeiros registros, a mulher foi considerada um ser inferior ao homem, devendo apenas ser obediente, cuidar dos serviços domésticos e reproduzir. Não podia opinar e muito menos expressar suas vontades. Mulheres que ousassem fazer tais ações sofriam duras punições, seja de seus companheiros ou dos seus próprios pais.

Seu corpo, sua sexualidade e sua voz eram silenciados. Elas deveriam aceitar o que lhe era imposto sem questionamentos, mesmo que não estivessem gostando de determinadas atitudes masculinas para com elas. Durante toda a sua vida, depois de casadas, deviam manter uma postura de “mulher de respeito”, não podendo ter suas próprias falas, pois tudo deveria passar pela autorização do marido ou representante legal.

Após séculos de subserviência, algumas mulheres começaram a exigir seu lugar na sociedade, buscaram estudar, seguir uma carreira profissional e conquistar sua independência, escolher não ter filhos, votar, entre tantos outros direitos, anteriormente, negados. Após duras e difíceis lutas, as mulheres conseguiram e ainda vêm conquistando o seu espaço.

No universo literário não é diferente. As mulheres foram postas à sombra dos nomes masculinos que tinham o grande prestígio na sociedade da época, embora seja grande a lista de escritoras femininas no contexto atual brasileiro, suas obras ainda são tratadas de forma tímida, sejam em conversas informais entre amigos ou no meio acadêmico, pois se trata de um caminho novo, que merece e precisa ser desbravado, pois as mulheres antes tidas apenas como instrumento para os deveres domésticos passam a fazer história e escrever suas próprias histórias.

Quando falamos em literatura, os autores são lembrados quase que instantaneamente, enquanto os nomes femininos ficam ligeiramente esquecidos, mesmo que tenhamos em nosso meio artístico grandes nomes, tais como: Clarice Lispector, Cecília Meireles, Hilda Hilst, Raquel de Queiroz, Ligya Fagundes Teles, Adélia Prado, Ana Maria Machado, entre tantas outras.

Muitos nomes são citados, mas pouco estudados em nossa literatura, a voz de muitas escritoras não nos alcançam como deveriam, ficando a mercê de um

simples comentário sem aprofundamentos, sejam sobre sua história ou sobre suas colaborações no meio literário.

Para diminuir o silenciamento que ainda existe entre as mulheres na tradição literária, este trabalho contempla uma das muitas escritoras brasileiras que lutam contra as imposições do silêncio, Tércia Montenegro Lemos, autora que vem se destacando no meio das artes literárias.

Na obra *25 Mulheres que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira*, organizada por Luiz Ruffato, reconhecemos o conto “D.T”, de Tércia Montenegro, como instrumento que questiona as imposições demarcadas pelo homem em território que pode ser habitado pela mulher, ou seja, o silenciamento em que as personagens foram submetidas e a busca das mulheres em serem ouvidas, em se afastarem do título de “sexo frágil”, não servindo tão somente aos caprichos masculinos.

Tocante ao território como lugar de fala e pertencimento, a mulher é inscrita em nuances do real e do ficcional, refletida no espaço doméstico e no fazer literário, estabelecendo em pontos específicos da teoria e contexto da literatura contemporânea, especificidades críticas que enaltecem a produção feminina, bem como as considerações finais, as quais reforçam a necessidade de repensarmos o lugar da mulher, didaticamente apresentado nesse trabalho.

2 A MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

No espaço da Literatura brasileira contemporânea, a mulher é representada de acordo com o período sociocultural, no qual era tida como um ser inferior e submisso ao homem, tinha como função o cuidado do lar, do marido e dos filhos, enquanto ao homem cabia o poder de mandar e chefiar a casa. Com o passar dos anos, a figura feminina começou a reivindicar espaço na sociedade em que estava inserida, com isso, grandes nomes apareceram e marcaram a história da luta feminina pela conquista de direitos que antes eram apenas do sexo masculino.

Uma delas é Betty Friedan, ativista feminina americana que em seu livro “Mística Feminina” (1963), analisou a “construção da imagem da mulher como dona de casa perfeita, mãe e esposa”. O “mal sem nome”, por ela intitulado, fez com que buscasse alguma explicação que viesse a responder sobre a insatisfação demonstrada pelas mulheres de sua época por ela entrevistadas, com sua vida

doméstica. Quando perguntadas, diziam frequentemente que a sensação de estarem vazias e incompletas em suas vidas domésticas as frustravam ao ponto de se sentirem cada vez mais irritadas com seus filhos e maridos.

Quando lançada, a obra causou grande alvoroço na sociedade, as leitoras se viam nas palavras e movimentos feitos por elas causaram estranheza e receberam duras críticas. Reivindicavam direitos iguais entre homens e mulheres, esses pontos foram retratados na Revista Estudos Feministas.

Quatro pontos básicos eram pleiteados por elas: oportunidades iguais de acesso ao trabalho e à instrução, paridade de salários para tarefas iguais, legalização do aborto, abertura de creches em regime de tempo integral em todo o país. (DUARTE, 2006, p. 290).

Devido tais agitações femininas, as líderes receberam da imprensa que as menosprezavam duramente “títulos” de “frustradas, neuróticas, homossexuais, megeras ressentidas, espumando ódio contra o sexo masculino”. Visando tão somente a desqualificação do movimento.

Na mesma publicação, Carmen da Silva, jornalista e também defensora do feminismo, irritada com a imprensa da época que tentava a todo custo inverter as ideias expostas por Betty Friedan, numa entrevista cedida em sua visita ao Brasil, em 1971, mostrou sua indignação nas páginas da revista Cláudia.

Durante essa visita verifiquei, por mim mesma, que nem sempre se pode dar crédito ao noticiário. Friedan dizia uma coisa e os meios de comunicação “reproduziam” outra completamente diferente. Cansei-me de ouvi-la expressar com mediana clareza ideias que logo apareciam truncadas e deformadas; vi como lhe foram atribuídos, sem cerimônia e contraditados com a maior suficiência, conceitos que ela jamais emitiu. Isso, sem falar nas perguntas primaríssimas que foram dirigidas a uma mulher com formação universitária, nos grosseiros ataques a uma hóspede cortês e nas suposições gratuitas sobre sua vida íntima. (SILVA, 1971, p. 292).

No mesmo espaço, Carmen fez uma resenha como “forma de reparar” a “falsificação” feita pela imprensa:

Como porta-voz do Movimento de Libertação Feminina, opina Betty Friedan – e eu endosso sem reservas – que não é possível modificar o atual panorama de violência sem o concurso da mulher, que além de constituir metade do gênero humano, forma ou deforma a outra metade. Não se trata de opor-se ao homem, mas sim de que ambos, homens e mulheres, tomem consciência de sua alienação, de sua manipulação pela sociedade de consumo que os impedem de crescerem e realizarem juntos como seres humanos ativos, felizes, úteis. Trata-se de aliar energias na tarefa de criar um mundo melhor. Trata-se de possibilitar entre eles um vínculo realmente

maduro e harmonioso, em que nenhum domina o outro ou usurpa algo do outro. (SILVA, 2006, p. 292).

Por meio das citações, é claramente notório como a sociedade, em geral, masculina, tenta fazer com que a conquista das mulheres nos mais diversos setores fosse tida como mero capricho, sempre diminuindo suas falas para tentar mostrar que não lograriam êxito nas suas lutas.

A busca por igualdades não ficou apenas no meio social, mas também no literário que antes era exclusivamente masculino. A partir do contato com as leituras e escritas em junção com suas vivências, a mulher começou a perceber que poderia colocar no papel suas percepções do lugar onde vivia. Embora muitas obras de diversos autores estivessem circulando, as mulheres tiveram grandes dificuldades em ingressar no meio literário devido o preconceito existente, pois para eles, a mulher não conhecia os assuntos que estivessem fora do ambiente domiciliar, como se fossem incapazes de exprimir seus pensamentos por meio das palavras de forma clara e coesa. Então, para que pudessem ser publicadas e lidas pela sociedade sem recusas, muitas usaram pseudônimos masculinos para que seus escritos ganhassem notoriedade.

Anos se passaram e grandes nomes femininos surgiram até então. A obra em destaque aborda as mudanças em que o meio literário está passando, ou seja, não só de homens são feitas as obras literárias, mas também de mulheres que por anos tiveram suas vozes e anseios silenciados.

Silêncio que segundo Michelle Perrot

(...) pesa primeiramente sobre o corpo, assimilando à função anônima e impessoal da reprodução. O corpo feminino, no entanto, é onipresente: no discurso dos poetas, dos médicos ou dos políticos; em imagens de toda a natureza – quadros, esculturas, cartazes – que povoam as nossas cidades. Mas esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele. (...). (PERROT, 2003, p. 13)

Embora tal silenciamento fosse por anos uma regra entre as mulheres, vemos a coragem que impera em muitas na forma de palavras para enriquecer a nossa literatura.

2.1 Tércia Montenegro na literatura do Brasil contemporâneo

Tércia Montenegro Lemos, nascida e criada em Fortaleza (local onde ainda mora), formada em Letras, mestre em Literatura Brasileira e Doutora em Linguística, começou a sua carreira no mundo da literatura no ano de 1998 com a publicação da ficção *O vendedor de Judas* que desde 2002, foi admitido como livro paradidático em várias escolas de Fortaleza e também escolhido pelo PNBE do MEC como uma obra recomendada pelo governo para o Ensino Fundamental.

No ano de 2001, Tércia publicou o livro *Linha Férrea*, que teve oito contos deste adaptado para o teatro. Como terceiro livro, *O Resto do teu Corpo no Aquário* publicado em 2005. Depois, publicou em 2012, *O Tempo em Estado sólido*, o qual foi finalista nos prêmios “Portugal Telecom de Literatura e Jabuti”, no mesmo ano, *Os Espantos* e em 2014 *Meu Destino Exótico*. Na literatura infantil, possui quatro livros, tais: *Um pequeno gesto* e *O gosto dos nomes*, 2006; *Vítor cabeça-de-vento* e *História de uma calça*, 2008.

Aos seus 42 anos, Tércia traz consigo uma trajetória repleta de grandes obras publicadas e prêmios ganhos. Embora ainda jovem, a autora tem um vasto acervo de contos e crônicas, romance, como também obras voltadas para o público infantojuvenil.

No livro organizado por Luiz Ruffato, em que une 25 autoras brasileiras que “estão fazendo a nova literatura”, Tércia assina um capítulo com o conto nomeado pelas iniciais “D.T.”. Esse é o único, em toda a obra, voltado para tratar questões sociais: o alcoolismo, a fome, pobreza e feminicídio, situações infelizmente corriqueiras em muitos lares brasileiros. O conto retrata a vida de uma família da classe média baixa que possui dificuldades financeiras, além de vivenciarem com a doença do patriarca da família: o alcoolismo. Violência doméstica, miséria e fome põem fim à vida da filha mais nova, quando o pai em estado de abstinência do álcool não consegue discernir sua imaginação da realidade. Tal situação é comum dentro da sociedade contemporânea, onde muitas pessoas para fugir das suas responsabilidades ou pressão social caem nas armadilhas dos vícios.

3 RESSONÂNCIAS DO PATRIARCADO: VOZES DAS MULHERES (QUASE) SILENCIADAS

Homens e mulheres sempre tiveram tratamentos diferenciados dentro da sociedade, e no meio literário não foi diferente. Os grandes autores masculinos

sempre tiveram seus espaços garantidos nas prateleiras de lojas ou nas bibliotecas particulares da maioria dos leitores, enquanto autoras lutavam por reconhecimento por meio de suas obras.

As teóricas do patriarcado concentraram sua atenção na subordinação das mulheres e encontraram a explicação na “necessidade” do macho dominar as mulheres. Na adaptação engenhosa de Hegel, Mary O’Brien, define a dominação masculina como um efeito do desejo dos homens de transcender a sua privação dos meios de reprodução da espécie. (SCOTT, 1988, p. 77).

O patriarcado é marcado pela autoridade masculina sobre os que o cercam, onde o homem desempenha a função soberano, detendo o poder unilateral, seja dentro de sua casa ou fora dela, onde todos que o cercam devem lhe servir com obediência, seja sua esposa, filhos ou empregados. No meio social, o homem possui grandes privilégios, cabendo a ele tomar decisões, sejam em nome de sua família ou comunidade.

O conto “D.T” funciona como enigma deixado pela autora, em que podemos interpretar como o “dia trágico” em que tudo ocorreu. Traços do patriarcado podem ser vistos quando o pai, ainda com saúde, tinha que ir trabalhar para conseguir o sustento da família, enquanto à mulher cabia a obrigação de cuidar da casa e das filhas. Outro ponto é quando o homem, devido o vício, falta com os seus deveres junto à família. Há uma reclamação da mulher e um silenciamento por ele feito através da violência, ou seja, prevalece a opinião dele, mesmo agindo de forma totalmente errada.

Eu trabalhava de pedreiro, então; bebia apenas no fim de semana. Mas depois começou a ânsia, o desejo cada vez mais forte, e a mulher com suas brigas, o som estridente da voz dando ordens. Meu punho caía com força, dedos fechados em murros, ou abertos na palmada. A mulher chorava, sumia com as machas de sangue pisado no rosto. (MONTENEGRO, 2004, p. 269).

Se tratando do patriarcado, a mulher deve se manter submissa em relação às atitudes masculinas, no caso, a esposa jamais deveria criticar os atos condenáveis praticados pelo seu marido, pois estaria quebrando a tradição de que só os homens possuem o direito de falar e agir conforme desejar.

Michelle Perrot, em sua obra, diz:

Segundo se pensa, o marido que bate na mulher tem lá seus motivos. Está defendendo a honra, pondo ordem na casa. Dá provas de virilidade. O alcoolismo crescente nas cidades reforça ainda mais essas tendências. (...). (PERROT, 2003, p. 19).

A mulher quando se levanta contra a tradição ou faz reivindicações, é sempre silenciada. No conto, quando Maria se manifesta contra as atitudes de seu marido, é silenciada pela violência física cometida por ele. Como Perrot diz também: “A conveniência ordena às mulheres da boa sociedade que sejam discretas (...). A mulher decente não deve erguer a voz.” “(...) Por isso elas se calam.” (PERROT, 2003, p. 15). Com base na citação, podemos perceber o porquê de muitas mulheres não se manifestarem contra tais atrocidades, seja por medo de não ser ouvida e sofrer uma punição maior ou pela tradição imposta na sociedade, em que devem ser obedecidas todas as ordens, independente de ferir ou não a sua dignidade.

Como forma de protesto e depois de muito reclamar sem ser devidamente ouvida, a mulher decide ir embora, deixando para trás a casa e a família sob os cuidados do homem, o qual não possui destreza para executar tais tarefas, pois segundo o patriarcado, são tarefas exclusivamente e só femininas. Assim, cabe à vizinha compadecer da situação que se instaurou naquele ambiente e se dirigir a casa e “pegar para cuidar” duas das três crianças. Como se observa no trecho “(...) Até o dia em que foi embora, e Dona Anastácia catou minhas duas filhas, antes de falar que Maria nunca mais iria voltar.” (MONTENEGRO, 2004, p. 269).

A filha menor se negou a ir embora. Não quis deixar o pai a mercê da própria sorte, com isso assumiu a responsabilidade dos deveres domésticos, mesmo sendo apenas uma criança. “Fran não quis se mudar para a casa da vizinha.” (MONTENEGRO, 2004, p. 269).

O processo narrativo de Montenegro mostra um contexto social, no qual a personagem Fran, mesmo em idade infantil herda dores da mãe, não em metáfora, mas em situações que representa a violência e abandono como formas que materializam o homem em suas ações mais brutais, distanciando-o, inicialmente, do que remete às emoções paternas.

O referido legado parte do índice epistolar, isto é, quando se destina ao personagem José Amorim, quando pela “– Manhã [...] Para José Amorim, violentado e morto na cadeia, em 20 de abril de 2002.” (MONTENEGRO, 2004, p. 265). Uma

recordação do seu cotidiano, antes de ser assassinado pelo crime cometido contra a sua própria filha menor de idade. Como também na “– Noite [...] Para Francilene Amorim, 7 anos, assassinada em 18 de abril de 2002.” (MONTENEGRO, 2004, p. 271). É perceptível a memória em forma de carta, mas que poderia remeter a um diário, com confissões que particularizam o pai e a filha.

Quando a menor se recusa a ir embora e arca com os serviços domésticos. Abre mão de sua infância e dos seus estudos para exercer o papel de dona de casa. Varrer, passar, limpar, cuidar do “café do pai” são suas atribuições desde então.

Pela manhã, eu preparava cuscuz, conseguia pão, mas a comida sempre endurecia antes que ele conseguisse estar de pé. Agora me preocupo somente com o almoço. (...) Gasto o tempo lavando panos na pia da cozinha. (...) Minhas irmãs estarão brincando na casa do outro lado da rua. (...) Saíram juntas para morar com a vizinha, quando a mãe foi embora. (...) Então minhas irmãs se mudaram para a casa da frente, mas eu quis ficar. Papai precisava de alguém com ele. (MONTENEGRO, 2004, p. 266).

O pai cada vez mais afundado no alcoolismo busca um meio de alimentar a bebedeira catando lixo para vender para a reciclagem. Cada centavo conquistado é trocado pela “purinha”. Os desencontros são notáveis, a princípio, pela separação dos pais, sucedendo em dramas que vão desde a saída do abandono da mãe, passando pela saída das irmãs mais velhas de Fran, que vão morar com a vizinha.

A velha carroça de catador vai rodando, puxada pelas mãos grossas de meu pai. A cada esquina, ele pára, investigando o lixo amontoado em calçadas – procura papelão, que vende para reciclagem. É trabalho de horas, até que se encha a carroça. No retorno, suado, penso que papai está arrependido de tanto esforço. Nos próximos dias, ele ficará trancado em casa, esvaziando as garrafas no quarto. (MONTENEGRO, 2004, p. 266).

O consumo o deixava inebriado ao ponto de não conseguir mais reconhecer onde estava e também causava visões, as quais não conseguia saber se eram reais ou não.

Três tempos são conferidos à narrativa, o primeiro pela manhã que registra a carta dirigida a José Amorim, tendo como narradora a pequena Francilene, onde podemos notar a sua rotina e saber sobre alguns acontecimentos anteriores, simultaneamente percebemos a afeição e um olhar inocente que a menina tem sobre o pai.

No segundo tempo, “Tarde”, temos a visão de José Amorim, em que narra o evento do vício e da violência contra a esposa, Maria (quando a mesma ainda vivia

no seio familiar); já o terceiro tempo é marcado pela noite, em que o narrador onisciente expõe o evento trágico, a morte de Fran pelo próprio pai.

José Amorim entrou no quarto que não era o seu, e no momento não distinguiu nada do ambiente recém-iluminado. Sabia somente que estava sem dinheiro e há dois dias não conseguia um gole de álcool. Passara um tempo dormindo, mas agora, sem saber exatamente se estava acordado, é que lhe vinham os pesadelos. Não tinha fome, mas por uma espécie de instinto quis comer. (...) um enorme caranguejo marrom surgia, imóvel na sua frente. Pareceu-lhe terrível, o animal, e mais que comê-lo, tinha de exterminá-lo, como se faz com cobra venenosa. (MONTENEGRO, 2004, p. 273).

Suas ações durante a madrugada, sem saber o que estava fazendo exatamente resultariam num fim trágico. Ainda sobre o terceiro tempo, notamos mais uma forma de desencontro, aquele momento em que razão se distancia da emoção, provocando no leitor estranhamento, quando “(...) a voz do narrador constitui a única realidade do relato.”. (TACCA, 1983, 65), quando vemos as atitudes cruéis de José sendo externadas contra a sua filha.

José pegou a pedra; a porta bateu sem ruído. Arma compacta de um guerreiro: uma pedra segurada firme, para quebrar a carapaça de um caranguejo. (...) Estava ali, encostada na parede, uma vassoura. (...) Agora uma lança, uma espada que serviria para afundar a carne fresca do crustáceo, o peito róseo que era a continuação da cabeça. Aquilo extenuava; o homem terminou o serviço tenso e ofegante, sem pensar mais em comer. (...) Olhou para o enorme caranguejo a seu lado e lhe pareceu que perdia as pernas, a articulação das patas e ficava mais vermelho que marrom. (MONTENEGRO, 2004, p. 274).

Após tal ação, José, atordoado e talvez recobrando a consciência para a realidade, vai à casa de seu vizinho: “Três pancadas surdas na porta, antes que Zaranza surgisse, metido num pijama. O vizinho olhou com espanto para José, que não disse nada. Tinha uma expressão distraída, parecendo esquecer porque havia chegado ali.” (MONTENEGRO, 2004, p.274)

Questionado sobre o que José queria naquele momento, ele “apenas apontou para a própria casa, distante alguns passos.” (MONTENEGRO, 2004, p.274) “Zaranza hesitou; era de madrugada, e a lua minguante não deixava ver nem os arbustos do terreiro. Já não sabia se confiava naquele homem que fora seu amigo, mas depois se desconhecera, de tão alcoolizado.” (MONTENEGRO, 2004, p.274) Embora tamanha desconfiança, ele seguiu aquele homem que embora confuso,

tinha certa noção do ocorrido. E chegando a casa, viu que “José ficou ao lado da cama, olhando para lugar nenhum”. (MONTENEGRO, 2004, p.274)

Após presenciar aquela cena que mais parecia filme de terror, o vizinho sai em busca da polícia. José se encontrava inerte, “não fez menção de fugir.” “Estava amanhecendo, quando as viaturas chegaram. (...) José estendeu as mãos para as algemas e baixou os olhos para não encarar as pessoas paradas na rua.” (MONTENEGRO, 2004, p. 275). Mal sabia que o pior lhe aconteceria, José Amorim foi violentado e morto na cadeia onde estava preso, em 20 de abril de 2002.

A partir da ação causada pelo próprio pai, mais um silenciamento, desta vez, o da pequena Fran que perde não só a sua infância, mas a sua vida, devido os problemas presentes na própria família. O fim trágico é relatado no trecho: “No colchão, a pequena Francilene deitada, com o crânio achatado e nódoas de sangue no peito.” (MONTENEGRO, 2004, p. 274)

O abandono se transforma em desaparecimento pelo súbito da morte, Fran, uma criança de 7 anos é silenciada de forma brutal, não só a sua frágil voz deixou de ser ecoada pelo tempo, mas seus sonhos e desejos deixaram de ser realizados. Sem conseguir gritar por socorro ou exprimir suas dores abafadas pela responsabilidade antecipada devido os problemas familiares, a pequena menina se torna adulta e acaba por ter uma morte prematura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em décadas passadas, o papel feminino sempre foi reduzido para reprodutora e dona do lar, em que muitas exerciam suas funções domésticas sem poder participar ativamente da sociedade como realmente deveria. Expondo seus pensamentos, opiniões ou quais fossem suas posições políticas, lutaram para conseguir espaços que antes eram ocupados apenas por homens.

No meio literário não foi diferente, as mulheres escritoras usavam pseudônimos masculinos ou publicavam anonimamente as suas obras, para poderem ter alguma credibilidade entre os leitores e fugirem das críticas iminentes, pois, naquela época, uma mulher que possuísse alguma ocupação, além da que fora designada, de somente esposa e dona de casa, estaria indo contra os padrões estabelecidos na sociedade em que estava inserida.

Após décadas de anonimato, as mulheres começaram assinar suas obras, mas ainda havia muita restrição sobre quais assuntos poderiam ou não escrever, ganhando o título de “literatura para mulheres”, aquelas que ousassem escrever fora dos padrões estabelecidos, eram altamente criticadas.

O silêncio que a elas foi imposto, fez com que as deixassem de ser elas mesmas, adquirindo uma nova identidade, mesmo que fosse por um instante, mas perpetuaria por muito tempo, enquanto fosse falado sobre aquela obra. Suas palavras seriam de outra pessoa, suas ideias estavam sendo aplaudidas, mas nenhum mérito verdadeiro receberia, pois não podiam declarar em público que tal produção era sua, ocultando de todos do que seria capaz.

O silenciamento das mulheres nada mais é que uma grande violência, seja física ou psicológica, ela traz grandes prejuízos, pois não se limita em “travá-las” de suas capacidades, mas faz com que percamos um pouco de cada uma delas. Grandes mulheres que por meio de tal crueldade deixamos de conhecê-las tal como são.

Anos se passaram e grandes nomes femininos surgiram no meio literário, apesar de muitas vezes serem esquecidas ou não citadas entre as conversas sobre o tema ou nas academias, o papel delas na literatura brasileira vem crescendo continuamente, conquistando cada vez mais leitores e espaços nas livrarias.

Suas obras não são resumidas a escrita de poemas ou autobiografias, mas também de um acervo riquíssimo de histórias que vão do campo ficcional ao real, passando pelas histórias que encantam as crianças com suas fantasias, como atraindo a atenção dos adultos ao relatar casos reais de nossa sociedade atual.

A sua sensibilidade e instinto aguçado fazem com que suas palavras nos toquem profundamente, fazendo-nos mergulhar no universo das páginas de seu livro. Ainda que esteja exercendo um papel de conhecedora e aventureira no ramo das letras, elas não deixam de escrever e transmitir seus sonhos a cada palavra.

As dificuldades enfrentadas ainda são muitas, pois o preconceito em ler algo escrito por uma mulher ainda existe, pois acreditam que suas palavras não são impactantes. Mas a força e a vontade de fazer com que todos a conheçam são maiores, ultrapassando todas as barreiras que possam aparecer em seu caminho.

No trabalho apresentado, foi visto que o silenciamento feminino na literatura brasileira ainda existe na sociedade quando deixamos de colocá-las no centro dos grandes debates, escondendo-as por trás das cortinas de um teatro em que a peça

é estrelada apenas por homens. Embora não com tamanha grandeza como em séculos passados, pois a força da mulher transpõe toda e qualquer barreira que esteja atrapalhando a sua passagem. Onde suas palavras são a chave para a abertura de portas que antes não eram abertas e para a criação de caminhos jamais trilhados.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela saúde e força para superar as dificuldades.

À Universidade Estadual da Paraíba, seu corpo docente, direção e administração pela oportunidade de crescer não só como profissional, mas como pessoa.

À Prof^a Dr^a Rosângela Neres Araújo da Silva por sua imensa empatia, que mesmo em meio às suas atividades dedicou o seu tempo na orientação deste trabalho.

Aos meus pais e ao meu companheiro de vida, pelo incentivo, amor e apoio incondicional.

A todos, que direta ou indiretamente ajudaram no meu processo de formação acadêmica.

Muito obrigada.

REFERÊNCIAS

BORDO, Susan e Alison M. Jaggar. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. Tradução de Magda Lopes.

FONTELES DUARTE, Ana Rita. Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, p. 287-293, janeiro-abril 2006.

LAKOFF, Robin. *Linguagem e lugar da mulher*. In: OSTERMAN, Ana Cristina (Org.); FONTANA, Beatriz (Org.). **Linguagem. Gênero. Sexualidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 163 p. cap. 2, p. 13-30.

LAKOFF, Robin... [et. all.] **Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. Tradução e organização de: Ana Cristina Ostermann, Beatriz Fontana.

PERROT, Michelle. *Os silêncios do corpo da mulher*. In: SANTOS DE MATOS, Maria Izilda (Org.); SOIHET, Rachel (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003. 222 p. cap. 1, p. 13-27.

RUFFATO, Luiz. (Org.) **25: mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS DE MATOS, Maria Izilda. Delineando corpos As representações do feminino e do discurso masculino (São Paulo 1890-1930). In: SANTOS DE MATOS, Maria Izilda (Org.); SOIHET, Rachel (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003. 222 p. cap. 7, p. 107-127.

SCOTT, Joan. **Gender on the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988.

TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. 2ª Ed. Trad. Margarida Coutinho Gouveia. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

ANEXOS

Tércia Montenegro (Fortaleza, 1976) – *Mora em Fortaleza* (CE).

Bibliografia:

O vendedor de Judas (contos) – 1998

Linha férrea (contos) – 2001

– Manhã

Para José Amorim, violentado e morto na cadeia, em 20 de abril de 2002.

Hoje deve ser domingo, porque vi da janela uma de minhas irmãs me chamando para brincar. Se não fosse final de semana, elas estariam na escola. As duas estudam; eu, não. Mas não quero brincar. Não gosto de ir à casa da vizinha, nem entendo por que minhas irmãs preferiram morar lá.

Papai continua dormindo, mas o sol vai alto e quente. Deve estar na hora: sinto fome. Saio sempre pela porta dos fundos; atravesso o terreiro e sigo três quarteirões até a casa da avó. Seguro o portãozinho enferrujado; chamo com voz alta. "Vó!" – uma vez, duas vezes. Aparece a tia: passa a mão em meus cabelos, diz que estão feito palha de aço, mas diz isso sorrindo. "Ainda são nove horas, Fran. Não tem almoço." Saio rápido, fazendo o caminho de volta. Pedras, galhos, lama, já me acostumei. Faz tempo, os pés deixaram de sangrar, e as mãos

D.T.

também aceitam melhor o sabão demorado de lavar a roupa. Se eu deixasse, o pai nunca se trocava; ficaria dias com a mesma camisa, o calção escuro.

Antigamente, havia uma criação de galinhas em nosso quintal. Ainda me lembro dessa época, quando a mãe vivia com a gente. Ela fazia galinhada para o almoço de domingo, e era muito bom. Geralmente, minhas irmãs se encarregavam de perseguir a ave para matar. Eu era pequena; ficava só olhando as meninas correndo atrás da galinha, naquela festa, até que minha mãe chegava, ríspida, e mandava que se acabasse com a brincadeira. Então uma das meninas se posicionava com o estilingue e acertava o bicho, que caía de lado, com a pedrada. A mãe ia buscar a galinha pela asa, e nós ficávamos meio tristes, porque a perseguição tinha durado pouco. Mas hoje o terreiro está vazio, não resta nenhum frango: todos foram vendidos, quando o dinheiro se tornou mais urgente que a refeição de domingo.

Abro a porta do quarto e vejo papai dormindo. Ronca alto, como se fosse alguém muito gordo, mas ele é franzino e sei que várias vezes fica sem comer. Pela manhã, eu preparava cuscuta, conseguia pão, mas a comida sempre endurecia antes que ele conseguisse estar de pé. Agora me preocupo somente com o almoço. Não todo dia, é verdade, porque às vezes papai consegue acordar cedo e até sai, em busca de algum trocado. A velha carroça de catador vai rodando, puxada pelas mãos grossas de meu pai. A cada esquina, ele pára, investigando o lixo amontoado em calçadas — procura papelão, que vende para reciclagem. É trabalho de horas, até que se encha a carroça. No retorno, suado, penso que papai está arrependido de tanto esforço. Nos próximos dias, ele ficará trancado em casa, esvaziando garrafas no quarto.

Tento adivinhar as horas, pelas mudanças no céu. Gasto o tempo lavando panos na pia da cozinha. Justo em frente, a janela aberta.

266

TÉRCIA MONTENEGRO

Minhas irmãs estarão brincando na casa do outro lado da rua. Elas têm idades muito próximas, 12 e 13 anos. Talvez por isso estejam sempre juntas. Saíram juntas, para morar com a vizinha, quando a mãe foi embora. A gente ouvia as brigas na sala, do pai com a mãe, e depois apareciam manchas escuras na pele do rosto e dos braços, na mãe. Um dia ela partiu, sem dizer nada. Dona Anastácia foi quem comentou que ela havia saído da cidade. Então minhas irmãs se mudaram para a casa em frente, mas eu quis ficar. Papai precisava de alguém com ele.

O dinheiro dos frangos sumia, e eu achava aquilo um mistério, um encantamento. A mãe se desesperava, ao olhar o fundo da latinha: contava as notas e moedas, ficava com raiva, batia na gente. Certo dia, obrigou-nos a ajoelhar sobre milho, sem que eu soubesse a razão do castigo. Meus joelhos doíam; só tinha para olhar a parede descascada em frente — e foi quando minha irmã mais velha disse, quase gritando: "Eu vi o pai tirar o dinheiro." A mãe saiu transtornada, e caiu sentada para trás, quando a porta bateu: massageei as pernas, tentando desfazer as marcas na pele. Horas depois, papai chegou, bêbado. Não disse nada, foi dormir. A mãe não apareceu em casa naquela noite.

Ando novamente pela rua, o sol bem mais forte. Sinto o corpo suar, enquanto vou contando as árvores do caminho. Sempre encontro algo novo para contar. Já me distraio observando pássaros, cães, bicicletas, varais de roupa. Agora vejo as árvores, quase dez, até a casa da avó. Chamo, segurando as barras do portãozinho. A tia diz, aproximando-se: "Ah, Fran, o gás acabou. O almoço ainda não ficou pronto. Mas entre, venha comer um biscoito."

A casa da tia e da avó: tão bonita, com azulejos na cozinha e bancos estofados. Eu me sento, esperando. Sei que devo parecer um cachorrinho de pêlo marrom. Estou suja, os dentes sujos partindo os biscoitos, engolindo o café. Vovó aparece, com seu cabelo branco e

267

D.T.

crespo, o vestido de algodão. Beija-me no rosto e me entrega uma toalha. Depois do lanche, vou tomar banho.

— Tarde

Da última vez, foi pior. Achei que não iria conseguir o suficiente para encher a carroça. Andei quilômetros, antes de chegar à casa do Ismael, que negocia com essas coisas. Ele me ajudou a descarregar as caixas desfeitas; empilhou o papelão num canto da sala, já obstruída por outros quilos de garrafas, latinhas de cerveja e materiais de plástico. Olhou-me por cima de seu bigode cinza, caído para os lados, que parece um peixe. Contou algumas notas e me deu. Eu não disse nada; voltei para casa, puxando a carroça. Já sentia a cabeça zoar, a multidão de abelhas nos ouvidos. Pequenas luzes espocavam na vista, e não sei quanto tempo levei até acertar o caminho. Estava escurecendo, quando Fran abriu a porta: entreguei algum dinheiro para ela e entrei no quarto.

De madrugada, acordei pensando em bebida. Sobrara apenas uma dose de pinga, mas eu tinha uns trocados no bolso. Fui ao bar que fica aberto na Rua Doze — ânsia na garganta, tremor nas mãos. Pedi duas garrafas da purinha; aguardei que me fizessem um embrulho. Bebo sempre em casa; não gosto do ambiente de bares, conversa, risos. Mal cumprimentei os conhecidos, enquanto voltava para casa. Fran estava dormindo: vi sua pequena sombra, deitada na rede, à luz da lamparina. O copo de vidro já se impregnara do cheiro da pinga, e nem me dei ao trabalho de lavá-lo, comecei a beber no gargalo. Vi amanhecer o dia e adormeci novamente.

Não sei quanto tempo fiquei assim, acordando apenas para beber, dormindo de novo, bebendo sem comer nada. Várias vezes aconteceu isto: as batidas na porta, leves, da mão de Fran, me chamando.

268

TÉRCIA MONTENEGRO

O som na madeira, insuficiente para me acordar. Apenas a sensação nublada de uma voz de criança, meus olhos se abrindo para a claridade e a penumbra, sucessivamente, sem que o corpo tivesse ânimo de reagir.

Quando Maria ainda não tinha fugido, acho que era diferente. Não recordo direito, é verdade, mas existem lembranças esparsas das meninas juntas, brincando, e a mulher sorrindo, ao fazer o almoço. Eu trabalhava de pedreiro, então; bebia apenas no fim de semana. Mas depois começou a ânsia, o desejo cada vez mais forte, e a mulher com suas brigas, o som estridente da voz dando ordens. Meu punho caía com força, dedos fechados em murros, ou abertos na palmada. A mulher chorava, sumia com as manchas de sangue pisado no rosto. Até o dia em que foi embora, e Dona Anastácia catou minhas duas filhas, antes de falar que Maria nunca mais iria voltar. Fran não quis se mudar para a casa da vizinha.

Antigamente, eu também não rejeitava as pessoas; tinha amigos, conversava com a família, fazia visitas. As meninas estudavam, tão engraçadinhas no uniforme azul da escola. Havia uma criação de galinhas no quintal comum, e ninguém brigava pelos bichos, comprados por mim e pelo Zaranja, o vizinho do lado. Quando se precisava de um trocado, era só vender um dos frangos. Se alguém fazia sopa, sempre exagerava um pouco na quantidade, para distribuir uma porção pelas casas próximas, todas com gente amiga.

Dona Anastácia organizava novenas e festas santas, e aquilo distraía as pessoas. Lembro que fui aproveitando esse período para me isolar — Maria estava ocupada com as crianças, fazendo rifas ou preparando barracas e gincanas. Eu me trancava no quarto; bebia rapidamente, escondendo a maior parte das garrafas. Não percebia a hora em que o pessoal voltava: estava dormindo pesado, e ficava assim por dois, três dias. Perdi o emprego sem lamentos; até ri, quando cheguei à construção e me disseram que não era mais pedreiro. Olhei

269

para o mestre-de-obras e ri alto, descontrolado, rindo da cara vermelha do homem, de suas calças largas. Levaram-me à força para outra esquina, eu ainda no acesso de riso. Senti uma pancada forte no queixo, e foi quando me calei.

Maria lavava roupas, costurava. No tempo livre, estava sempre se queixando, eu sabia, com Dona Anastácia. Também, pouco me importava. Acostumei-me ao gesto automático de procurar dinheiro na latinha. Antes, fazia isso com remorso, dizendo para mim mesmo que havia de devolver a quantia, logo que arrumasse um emprego. O dinheiro significava um frango vendido, uma trouxa de roupas passada, a feira da semana mas, para mim, era simplesmente a entrada no paraíso, através da boca. Aos poucos, fui me tornando ousado: mal escutava a porta batendo, denunciando que Maria não estava, metia a mão à procura de moedas, no fundo da lata. As meninas viam; não lhes dizia nada. Saía em seguida, para voltar com outras garrafas e trancar-me no quarto.

Muita gente veio me falar, então. Acho que o único que não tentou me aconselhar foi o Zaranza, velho companheiro. Nem mesmo ao perceber o prejuízo na sua parte de frangos, vendidos ou bebidos por mim. Ficou em silêncio, sem me incomodar. Talvez estivesse zangado, mas não quis me aborrecer. Fechou-se como uma ostra, o velho, e passou a me evitar na rua, atravessando para outra calçada. Tanto melhor. Melhor aquilo que censuras e conselhos.

Até minha mãe não compreendeu. Quando soube que Maria tinha fugido, veio em visita solene, junto com minha irmã. As duas se horrorizaram com o estado dos cômodos, a sujeira e a falta de comida. Disse que as meninas estavam com a vizinha e eu mesmo não me importava com nada. Ofereceram-se para fazer limpeza, trazer isso ou aquilo. Minha cabeça doía; já não tinha dinheiro e fazia horas que estava sem beber. As mulheres insistiam, investigando a poeira sob a

cama, o cheiro das roupas, o conteúdo das latas... não agüentei. Dei um grito alto, agudo, expulsando-as como quem expulsa um demônio. A vizinhança toda deve ter ouvido. Sei que nunca mais a mãe e a irmã apareceram.

– Noite

Para Francilene Amorim, 7 anos,
assassinada em 18 de abril de 2002.

Aconteceu que certa vez ele trancou a porta da frente, enquanto a filha estava fora. As meninas mais velhas moravam com Dona Anastácia, mas a caçula tinha insistido em ficar com o pai. Forçou a maçaneta com sua mãozinha, chamou, gritou — nada. Apareceu um vizinho que a levou dali: apenas alguns metros, até a esquina. Dona Anastácia abriu-lhe os braços, pouco antes de resmungar as palavras de costume. Aquele homem não prestava, bêbado infeliz, que agora punha a filha na rua. As irmãs de Francilene alegraram-se, inventaram brinquedos. A menina distraiu-se um pouco, mas naquela noite quase não dormiu.

No dia seguinte, foi o mesmo. Por mais que olhasse para a estreita porta de madeira, não havia jeito de ela abrir. Francilene lembrava as palavras mágicas da história que há muito tempo uma professora havia contado: "Abre-te, Sésamo!" Açou aquilo tão bonito, que deu o nome de Sésamo a um cão vadio que volta e meia aparecia no bairro, para receber restos de comida. Era um cão negro, de orelhas caídas. Todos se encarregavam de alimentá-lo, com arremessos de osso. Mas ninguém sabia do nome secreto que ele carregava. Francilene sorria ao vê-lo: Sésamo.

D.T.

Agora, porém, não existia mágica. Ou as portas não obedeciam, como os cachorros quando chamados. Passaram-se mais dois, três dias, com a porta emudecida. Francilene deixou de comer, teve febre. As duas irmãs lhe rondavam a cama, como pássaros sombrios, enquanto Zaranza resolvia chamar a polícia. Esperava encontrar um corpo já meio apodrecido. Mas, quando os policiais forçaram a fechadura da porta e conseguiram abri-la, acharam um homem muito magro sentado na rede. Alguém lhe perguntou o que tinha acontecido, e então ele abriu os olhos sangüíneos contra a luz e disse: "Nada."

Dona Anastácia insistiu que a menina ficasse com as irmãs; havia espaço para todas. Francilene não respondeu: no instante em que os policiais saíram, entrou na casa onde o pai estava, derreado na rede como um inválido. Então recomeçou sua rotina de criança ocupada com afazeres domésticos. Primeiro, as poucas peças de roupa que suas mãozinhas lavavam com sabão de coco, antes de deixá-las secando no prego que antigamente segurava os xaxins na parede — assim, demorava um pouco mais, e as roupas não secavam logo por inteiro, mas Francilene ainda não alcançava o varal que se estendia entre duas árvores. Depois, o almoço de todo dia, geralmente conseguido com a avó, porque o dinheiro, quando havia, era economizado para o café e a rapadura, o leite e o pão: desjejum que o pai nunca tomava. Por fim, os pequenos brinquedos que inventava, nas horas vagas — o carrinho de lata puxado por um barbante, a boneca de espiga que logo se desmanchou, o jogo de botões para jogar sozinha.

Francilene certa vez encantou-se com o vôo de uma pipa serpenteando no céu. Foi há muito, muito tempo; lembra apenas que era agosto, porque ventava bastante e quase todos os meninos da rua fizeram papagaios para soltar. A mãe ainda estava em casa e interrompeu a filha, que pedia um brinquedo: "Esse negócio de pipa é coisa de menino." Mas o pai não olhou para a esposa; pegou a mão

272

TÉRCIA MONTENEGRO

da filha e saíram para comprar uma daquelas arraias vistosas, parecidas com trapézios.

O pai, sóbrio; sua mão segurando o frágil papel da arraia, colorida de sol. Não demoraria muito para o brinquedo rasgar, desmanejado por uma brisa mais forte. Francilene recolheu seus restos; escondeu uma parte da serpentina da cauda e as varetas na cama, entre o estrado e o colchão. Toda noite, quando se deitava, sentia o contato das finas madeiras, à altura dos joelhos. Aquilo não a incomodava — eram lembranças, pequenos ossos, de uma época feliz.

Quando José Amorim entrou no quarto, naquela madrugada, não sabia que debaixo do colchão da filha estavam os restos de uma pipa que fora presente dele. Também não lembraria nunca que tinha comprado uma arraia vermelha numa tarde de agosto e passado horas ensinando a menina a lidar com o vento. Já lhe era impossível recordar muitas coisas: o rosto da esposa Maria, por exemplo. A esposa que um dia partiu sem dizer nada, uma ausência que só lhe trouxe alívio, porque então não ouviria mais nenhuma voz estridente nem teria de se esforçar com os punhos fechados para calar aquela voz.

José Amorim entrou no quarto que não era o seu, e no momento não distinguiu nada do ambiente recém-iluminado. Sabia somente que estava sem dinheiro e há dois dias não conseguia um gole de álcool. Passara um tempo dormindo, mas agora, sem saber exatamente se estava acordado, é que lhe vinham os pesadelos. Não tinha fome, mas, por uma espécie de instinto, quis comer. Antes, havia a criação de galinhas no quintal, e agora um enorme caranguejo marrom surgia, imóvel a sua frente. Pareceu-lhe terrível, o animal, e mais que comê-lo, tinha de exterminá-lo, como se faz com uma cobra venenosa.

Durante alguns instantes, o homem esteve atordoado, sem saber para onde se voltar. Atravessou a cozinha, sentindo com horror que o solo começava a se desfazer sob seus pés. O chão líquido, o

273

calor da noite — a única coisa sólida era a pedra que segurava a porta que dava para os fundos da casa. José pegou a pedra; a porta bateu sem ruído. Arma compacta de um guerreiro: uma pedra segurada firme, para quebrar a carapaça de um caranguejo. Não lhe pareceu suficiente, porém. Depois do segundo golpe, olhou entre os dedos, e a pedra então era pequena e mole, somente um grão acinzentado.

José voltou à cozinha, desta vez lentamente. Estava ali, encostada na parede, uma vassoura. O cabo fino de madeira partiu-se com um barulho de folhas secas e pisadas. Agora, uma lança, uma espada que serviria para afundar a carne fresca do crustáceo, o peito róseo que era a continuação da cabeça. Aquilo extenuava; o homem terminou o serviço tenso e ofegante, sem pensar mais em comer. Sentou-se à beira da cama, o cabo de vassoura caído no chão. Olhou para o enorme caranguejo a seu lado e lhe pareceu que perdia as pernas, a articulação das patas, e ficava mais vermelho que marrom.

Três pancadas surdas na porta, antes que Zaranza surgisse, metido num pijama. O vizinho olhou com espanto para José, que não disse nada. Tinha uma expressão distraída, parecendo esquecer por que havia chegado ali. "Quer alguma coisa?", perguntou-lhe o velho, e José apenas apontou a própria casa, distante alguns passos. Zaranza hesitou; era de madrugada, e a lua minguante não deixava ver nem os arbustos do terreiro. Já não sabia se confiava naquele homem que fora seu amigo, mas depois se desconhecera, de tão alcoolizado.

Da entrada, pelo quintal, Zaranza viu que a cozinha se iluminava apenas pela lâmpada acesa num dos quartos. "O que foi, José? Que é que você quer?", tornou a perguntar. O homem não se voltou, continuando a andar, e foi seguindo naquela direção que o vizinho então parou. José ficou ao lado da cama, olhando para lugar nenhum. No colchão, a pequena Francilene deitada, com o crânio achatado e nódoas de sangue no peito.

José Amorim não fez menção de fugir; ficou esperando na casa, enquanto o vizinho saía para chamar a polícia. Estava amanhecendo, quando as viaturas chegaram. A porta da frente, que há muito tempo permanecia fechada, abriu-se num estrondo. José estendeu as mãos para as algemas e baixou os olhos para não encarar as pessoas paradas na rua. Todos reunidos, algumas vozes altas — ali estava também Dona Anastácia, trazendo as duas irmãs de Francilene. José conservou os olhos baixos enquanto os policiais o conduziam, e apenas se deteve para observar um cão negro que cruzava a calçada.